

## DESINSERÇÃO E MASCULINIDADE: A PRÁTICA PSICANALÍTICA DE ORIENTAÇÃO LACANIANA EM UM DISPOSITIVO GRUPAL

Nuria Malajovich MUÑOZ<sup>1</sup>  
Lucas Costa Marins BARBOSA<sup>2</sup>

### Resumo

A partir de estudo qualitativo descritivo do tipo relato de experiência, abordamos prática extensionista orientada pela psicanálise lacaniana e desenvolvida em uma universidade pública, tendo como foco a produção de cuidado e o compartilhamento de narrativas sobre gênero e masculinidade em um dispositivo grupal. O objetivo do presente estudo é apresentar a prática coletiva desenvolvida com homens que realizam tratamento em saúde mental, analisando as incidências do intercâmbio narrativo na subjetivação do sofrimento e no exercício crítico de questionamento em relação aos estereótipos ligados ao gênero. A coletivização e o compartilhamento de experiências como estratégias do campo da saúde mental possibilitam contornar as dificuldades de inserção e ampliam a visão acerca das masculinidades, situando-se ainda como tomada de posição ativa que procura combater discursos radicais e de recusa à diferença.

**Palavras-chave:** Psicanálise; saúde mental; masculinidade; dispositivo grupal; gênero.

1

## DISINSERTION AND MASCULINITY: LACANIAN-ORIENTED PSYCHOANALYTIC PRACTICE IN A GROUP SETTING

### Abstract

Based on a qualitative descriptive study of the experience report type, we address an extension practice guided by Lacanian psychoanalysis and developed at a public university, focusing on the production of care and the sharing of narratives about gender and masculinity in a group setting. The objective of this study is to present the collective practice developed with men undergoing mental health treatment, analyzing the impacts of narrative exchange on the subjectivation of suffering and the critical questioning of gender stereotypes. Collectivization and the sharing of experiences as strategies in the field of mental health make it possible to circumvent insertion difficulties and broaden the understanding of masculinities, positioning themselves as an active stance that seeks to combat radical discourses and the rejection of difference.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [nuria.malajovich@ipub.ufrj.br](mailto:nuria.malajovich@ipub.ufrj.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3872-818X>

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [lucascostambpsi@gmail.com](mailto:lucascostambpsi@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4569-2951>

**Keywords:** Psychoanalysis; mental health; masculinity; group setting; gender.

## DESINSERÇÃO Y MASCULINIDAD: LA PRÁCTICA PSICOANALÍTICA DE ORIENTACIÓN LACANIANA EN UN DISPOSITIVO GRUPAL

### Resumen

A partir de un estudio cualitativo descriptivo del tipo relato de experiencia, abordamos una práctica extensionista orientada por el psicoanálisis lacaniano y desarrollada en una universidad pública, centrándonos en la producción de cuidado y el compartir narrativas sobre género y masculinidad en un dispositivo grupal. El objetivo del presente estudio es presentar la práctica colectiva desarrollada con hombres que reciben tratamiento en salud mental, analizando las incidencias del intercambio narrativo en la subjetivación del sufrimiento y en el ejercicio crítico de cuestionamiento en relación con los estereotipos de género. La colectivización y el compartir experiencias como estrategias en el campo de la salud mental permiten sortear las dificultades de inserción y ampliar la visión sobre las masculinidades, situándose además como una toma de posición activa que busca combatir discursos radicales y de rechazo a la diferencia.

**Palabras-clave:** Psicoanálisis; salud mental; masculinidad; dispositivo grupal; género.

2

---

### INTRODUÇÃO

Repensar a masculinidade na atualidade envolve a revisão de normas, comportamentos e práticas discursivas que moldam corpos e subjetividades, bem como a reformulação de premissas e pressupostos que orientam suas coordenadas epistêmicas. O feminismo e os estudos de gênero têm contribuído para desvelar os efeitos deletérios do machismo, da misoginia, do sexismo, da homofobia e da transfobia em nossa cultura. O ódio e a intolerância à diferença em seus variados modos de expressão abarcam facetas que vão desde estratégias mais camufladas a comportamentos deliberadamente violentos e mortíferos.

Connell e Messerschmidt (2013) discutem o que seria a masculinidade hegemônica, mostrando que essa se caracteriza pela dominação sobre mulheres e se imiscui através da cultura, das instituições e do controle dos corpos. Tal constatação sinaliza a importância de redescrições da masculinidade e de ampliação do debate sobre os estereótipos de gênero, introduzindo outras possibilidades e versões alternativas para vivenciá-la. Ambra (2015) ressalta que a masculinidade não costuma ser pesquisada de forma direta, mas em sua ligação a temas como violência doméstica, havendo poucas produções sobre o assunto se comparado ao feminino.

Zanello (2022) indica o papel central da misoginia na masculinidade hegemônica, que se traduz por um repúdio não apenas do feminino, como também de todas as pessoas que carregam alguns de seus traços. Homens tidos como menos viris, por exemplo, no que diz respeito à performatividade sexual ou laboral, tendem a serem postos em posição hierárquica inferior por não se adequarem ao ideal de masculinidade. Mas, como indica a autora, os homens tendem a se reagrupar tão logo encontram outra referência de comparação que lhes permita recuperar a intenção de poder, bastando para isso que uma categoria ainda menos favorecida entre em cena.

Existem poucas produções a respeito da relação entre gênero e sofrimento psíquico no campo da saúde mental, e menos ainda no que se refere à masculinidade. Nossa aposta é que tratar do tema pode contribuir para abalar modos hegemônicos de performar à masculinidade, contribuindo assim para a subversão das hierarquias de poder. Foi nessa direção que Freire (1987) apontou a necessidade de enfrentar as desigualdades e a verticalidade do poder em nossa sociedade, como via para operar transformações efetivas no modo de lidar com as diferenças.

A inserção da psicanálise no campo público estabelece estratégias para a abordagem de situações que envolvem sofrimento social, entendido como mal-estar derivado da opressão, da exposição contínua à violência, da vulnerabilidade e dos processos de segregação e exclusão que atingem grande parte da população brasileira. Broide e Broide (2019) assinalam que a psicanálise possibilita um modo de tratamento das questões sociais, colocando clínica e política em articulação. Reconhecer o sofrimento social e suas incidências na subjetividade acarreta um reposicionamento em relação às ferramentas de leitura que guiam a compreensão acerca do mal-estar. A elucidação de regularidades implicadas nas opressões e suas interseções em diferentes categorias como classe, raça e gênero não estão dissociadas da dimensão singular e das maneiras sempre diversas com que cada sujeito lida com o mal-estar. Essa orientação permite ressituar o olhar acerca dos problemas de saúde mental e estimula a construção de dispositivos de cuidado que busquem abarcar os entrecruzamentos entre dimensões singulares e coletivas do sofrimento.

Descrevemos, no presente artigo, a prática em um dispositivo grupal realizada em uma universidade pública da região sudeste. Este grupo faz parte do Projeto de extensão “*Diversas narrativas e produção de cuidado em saúde mental*” que oferece espaços de reflexão, produção de narrativas e troca de experiências sobre a relação entre gênero e saúde mental. Além do grupo de homens, é realizado um grupo para mulheres e outro para pessoas trans e não binárias. O compartilhamento de histórias permite o acesso a outras perspectivas subjetivas, ampliando a interlocução e o diálogo. É também um modo de cuidado, pois dá visibilidade a vivências que costumam ficar silenciadas, ampliando a parceria afetiva. Por entendermos que a perspectiva cis-heteronormativa é ainda muito presente na cultura, o projeto tem também um espaço voltado para a formação permanente

de profissionais de saúde mental, o *ConVersas*, com a realização de oficinas narrativas e de um grupo de estudos e pesquisa sobre gênero e saúde mental.

No presente estudo, abordamos a experiência no grupo de homens que realizam tratamento em ambulatório de saúde mental, tendo como objetivo refletir sobre a construção da masculinidade, a partir do percurso de elaboração coletiva da experiência com gênero e da elucidação do modo como a cis- heteronormatividade impacta os participantes. A abordagem teórica parte de um diálogo entre a psicanálise de orientação lacaniana e debates do campo da atenção psicossocial e dos estudos de gênero. Produzir saúde mental envolve, sobretudo, o estabelecimento de políticas, práticas e modos de investigação que contribuam para o combate às diferentes formas de opressão e aos seus entrecruzamentos. A psicanálise aplicada ao campo da saúde mental introduz um modo de aproximação com coletivos que se baseia na circulação discursiva e nos efeitos subjetivos que a prática de conversação pode produzir em seus participantes.

É importante destacar que, na perspectiva social, a desinserção pode ser tomada como processo cuja engrenagem compromete a participação no jogo social, destituindo o sujeito de valor (Guaulejac & Leonetti, 1994). Para a psicanálise, a desinserção descreve a dificuldade de determinados sujeitos em se alojar sob algum significante-mestre, ou seja, de contar com uma identificação que tenha função de inclusão, ou ainda de encontrar um modo de nomeação que sirva para fazer-se representar (Cottet, 2008). Nesse sentido, visamos, por meio do dispositivo, operar uma articulação entre esses dois modos de pensar a desinserção, ou seja, o subjetivo e o social, tendo como orientação a construção de soluções que, ao pôr em relevo a relação entre as imposições de gênero e o sofrimento psíquico, ajudem a produzir uma separação em relação a identificações excludentes.

Em termos mais gerais, apostamos que o trabalho de extensão universitária pode auxiliar na construção de espaços de conversação e de convivência que ajudem a reconfigurar dinâmicas de gênero em nossa sociedade. Oferecemos suporte à construção de narrativas alternativas, visando à produção de um cuidado relacional, com o compartilhamento de experiências e a circulação entre pontos de vista diversos. Queremos, com isso, contribuir para a criação de práticas discursivas que ajudem a dissolver fronteiras linguísticas e epistêmicas que limitam a leitura acerca do sofrimento psíquico e suas manifestações, sem perder de vista o sujeito e sua singularidade.

Seguindo a trilha sugerida por Alemán (2016), entendemos a importância de tomar em foco a subjetividade humana, enquanto modo de apresentação historicamente construída e marcada pelo contexto social e político, mas não sem implicar, a cada vez, o sujeito e seu modo, sempre singular, de posicionamento em relação à linguagem, ao modo como vive a sexualidade e exerce sua identidade de gênero. Essa orientação é fundamental em tempos de acirramento do discurso capitalista na cultura, a partir da expansão da política neoliberal. Lacan (1971/2011) já chamava a atenção para o fato de que o capitalismo não faz laço social, deixando de fora tudo o que se refere ao amor. Como advertem Alemán e Gomes (2022), houve uma mutação do capitalismo, de tal modo que hoje impera a lógica

do neoliberalismo, cuja principal marca é o ilimitado e a produção de um novo tipo de subjetividade. O mecanismo principal é a instigação de uma forma de violência autoimposta, por meio de mandatos e imperativos impossíveis de atender para alcançar uma pretensa felicidade. Instaura-se assim “um paradigma empresarial, competitivo e gerencial da própria existência” (Alemán e Gomes, 2022, p.3). A política neoliberal se imiscui na cultura com a intenção de atingir o simbólico e impedir que as lacunas discursivas apareçam. Executa, assim, o projeto de dominação e unificação do espaço subjetivo, cultivando o ódio à diferença e tornando inviável o comparecimento do sujeito, da singularidade.

## DESENVOLVIMENTO

### A aplicação da psicanálise de orientação lacaniana no trabalho com dispositivos grupais

Lacan (1953/1988) chamou a atenção para a necessidade da psicanálise se alinhar ao modo como a subjetividade se revela em cada época, salientando a exigência de uma revisão sistemática das ferramentas de leitura que sustentam a clínica. Acompanhar os desdobramentos do simbólico em nossa época requer a inclusão da historicidade e do movimento dialético da civilização, fazendo valer a função de intérprete naquilo que Lacan chama de discórdia das línguas. Como mostra Brousse (2003), o conjunto dos significantes que constitui o Outro só pode ganhar existência enquanto semblante, sendo por isso necessária, a cada vez, a instauração, por meio de um ato, da possibilidade de seu deciframento.

Desde Freud (1921/1996), somos alertados acerca dos efeitos indesejáveis que se produzem em grupos sustentados por um líder ou por um ideal e que se relacionam à massificação e ao apagamento de subjetividades. Nesse tipo de grupo, ocorre uma identificação vertical em relação ao líder, único a se destacar, e em outra direção, uma identificação horizontal entre os membros do grupo, que se transformam em uma massa indiferenciada. Nessas condições, qualquer diferença que coloque a coesão do grupo em xeque tende a ser suprimida.

Lacan (1947/2003) retoma a problemática do grupo para demonstrar que a identificação imaginária produz a ilusão de fazer Um, diluindo a possibilidade de comparecimento dos sujeitos em suas singularidades. Barros (2009) indica que a retomada por parte de Lacan do trabalho de Bion e Rickman na Inglaterra do pós-guerra visou apresentar um modo de coletivo ligado por relações horizontais, ou seja, sem a presença de um líder. O autor destaca a ideia de que é possível reunir sujeitos introduzindo uma modulação do “para todos”, a partir da inclusão da dimensão sintomática de cada um. O universal do grupo se veria, então, descompletado pelo incomum, que garantiria por sua vez a impossibilidade de complementaridade.

Luccia e Prizskulnik (2023) mostram que foram as consequências do nazismo que levaram Lacan a pensar em um laço capaz de minimizar os efeitos de grupo, concebendo um modo de organização em torno da falta como causa de trabalho e não como buraco a ser tamponado. Costa-Rosa e Pastori (2011) indicam que o agrupamento sem líder é condição para um trabalho de produção de sentido coletivo e para o compartilhamento de significações. Sato et. al. (2017), na mesma via, reforçam a importância da ausência do líder como modo de abertura para o trabalho de enunciação coletiva. O lugar de detenção do saber, ao permanecer vazio, permite a emergência de uma alteridade não excludente, sendo, para isso, necessário que os profissionais de saúde mental estejam atentos para as relações desiguais de poder que reforçam a posição de exclusão, marginalização e vulnerabilidade social dos usuários. Trata-se, assim, de trabalhar ativamente para a construção de conjuntos heterogêneos capazes de agregar subjetividades em torno de um fazer artesanal, que rompe com a lógica produtivista e com a expectativa de resultados rápidos e eficientes. Como salientam Buechler et al. (2023), o discurso capitalista reforça o individualismo, conduzindo ao fechamento do inconsciente e à homogeneização das experiências, reforçando a solidão. Nesse sentido, a via de orientação proposta pela psicanálise lacaniana ganha uma dimensão política, pois entende que a partir do trabalho com o inconsciente podem vir a se produzir novos enlaçamentos entre singular e coletivo.

Recalcati (2002), em seu trabalho com grupos monossintomáticos, retoma essa problemática mostrando que a identificação com uma nomeação diagnóstica pode promover um apagamento do singular, do um-a-um, da diferença com a qual se ocupa a psicanálise. O desejo do analista é aquilo que permite sustentar o incomum fazendo balançar os ideais aos quais os sujeitos se veem alienados. Muñoz e Vilanova (2021, p. 112), em um trabalho concernido pela psicanálise, mostram que o grupo carrega uma “tensão entre coletivo e singular, indo além do fenômeno da identificação para destacar (...) a relação com o objeto, como alteridade fundamental para o sujeito”. Rosa (2012), em seu trabalho com migrantes, atribui ao dispositivo grupal um modo de abordagem da experiência traumática. A partir de uma posição de sem-lugar no laço, o sujeito tende a se ver desterrado de sua posição subjetiva, tornando-se um “passador” (Rosa, 2012, p. 4), um ser errante, em exílio. A autora aposta que o trabalho no coletivo pode devolver um lugar subjetivo ao sujeito no Outro. Aquilo que aparecia inicialmente como restrito ao âmbito do privado pode, ao ser coletivizado, encontrar uma circulação significativa que propicie uma nova investida do sujeito no laço.

A construção do dispositivo grupal de conversação em torno da masculinidade tomou como base algumas premissas orientadoras extraídas do ensino de Lacan. A releitura efetivada por Lacan da obra freudiana e, mais especificamente, o final de seu ensino, dá pistas que permitem vislumbrar possibilidades diferentes daquelas centradas em uma cis-heteronormatividade compulsória. Nesse sentido, a desnaturalização e dessencialização dos modos de nomeação sexuada ensinam que, em se tratando de falantes, a ausência de simetria e a diferença sempre vão se impor. Fajnwaks (2020) lança uma provocação aos

analistas interrogando se estes seriam hoje suficientemente *queer* para estarem à altura do modo como o real do gozo vem se colocando para cada um.

Lacan pensa o gozo a partir de sua releitura da pulsão de morte, mais especificamente a partir do texto freudiano Além do Princípio do prazer (Freud, 1920/1996), para evidenciar a reunião do prazer com o seu para além. Como mostra Suarez (2006), Lacan concebe, desta forma, a existência de uma satisfação desprazerosa. A linguagem, ao marcar o corpo do vivente por uma perda de gozo, permite também que ele ganhe vida como falante. O inconsciente é o registro onde um saber pode ser articulado a partir dessa ausência primeira de saber, ou seja, onde se constrói uma elucubração de saber sobre as primeiras marcas desconectadas do sentido - que Lacan chama de lalíngua (1972-73/1985) - que tocam o corpo, ao mesmo tempo em que denotam o fracasso em escrever a relação entre os sexos. Nesse sentido, o real do gozo se impõe ao falante e situa a impossibilidade, o impasse de escrita do sexual. Ao mesmo tempo, a ausência de um saber total torna possível que haja saber inconsciente, mesmo que parcial e fragmentário. No dispositivo grupal tomamos, assim, o impasse na escrita sexual, de modo a nos valer dessa impossibilidade para colocar lalíngua à trabalho, apostando na construção de um saber-fazer que dê lugar à diferença e viabilize novos modos de laço.

## **Método**

7

Trata-se de estudo descritivo qualitativo que se baseia em relato de experiência e tem por objetivo apresentar os desdobramentos de um dispositivo grupal voltado para a troca de experiências e convivência entre homens que fazem tratamento em saúde mental e que apresentam sofrimento derivado da inadequação aos estereótipos de gênero ligados à masculinidade. A partir de vinhetas clínicas, apontamos efeitos terapêuticos derivados das conversações coletivas realizadas semanalmente ao longo de dezoito meses, entre os anos de 2021 e 2022. As passagens ilustram os impactos subjetivos relacionados ao sentimento de inadequação a certo modelo de masculinidade, mas também dão a ver as pequenas invenções e torções realizadas em relação a estereótipos e atitudes segregativas, permitindo verificar a potência do dispositivo para repensar o gênero e o modo de se relacionar com a diferença.

O dispositivo grupal foi composto por uma equipe de coordenação, que contou com dois psicólogos que cursavam uma especialização em clínica psicanalítica e dois estudantes de graduação em psicologia; e oito usuários de um ambulatório de saúde mental de uma universidade pública, sendo três negros e cinco brancos. Os encontros aconteceram com frequência semanal, iniciando-se na modalidade virtual e passando para o formato presencial, a partir do arrefecimento das medidas sanitárias relativas à pandemia de Covid-19.

Os participantes foram reunidos a partir de algumas características em comum: o fato de viverem a masculinidade como problemática e de expressar sofrimento psíquico e

sentimento de desencaixe em relação aos estereótipos de gênero. E, ainda, a dificuldade de inserção social, apresentando situação de fragilidade socioeconômica e grande dificuldade de estabelecer vínculos amorosos, afetivos e/ou sociais. Além disso, queixavam-se de ter pouca inserção em atividades de lazer e cultura, com circulação escassa nos espaços urbanos. A frequência ao ambulatório de saúde mental era, para a maioria dos participantes, a única atividade realizada fora de seus domicílios. Como a modalidade de consulta individual se constituía como oferta predominante no serviço, os usuários raramente tinham a oportunidade de interagir com outros pares. A proposta de criação de um dispositivo grupal visou, nesse sentido, ampliar o cardápio de possibilidades do ambulatório, oferecendo um espaço focado na conversação e na promoção de saúde mental.

A dinâmica utilizada no dispositivo grupal teve como orientação o intercâmbio narrativo e o compartilhamento de experiências sobre a vivência da masculinidade. Embora desde o início estivessem também previstas atividades de convivência e de visita a espaços urbanos como modo de reabitar a cidade, somente em 2022 foi possível, por questões sanitárias, a realização de um piquenique comunitário em um espaço aberto e a ida a um museu da cidade.

### ***Peixes fora d'água***

A oferta de um espaço de reflexão, produção de narrativas, convivência e troca de experiências sobre o ponto de vista da masculinidade foi a estratégia utilizada para possibilitar efeitos de inclusão, mas não sem colocar em relevo a discussão sobre os estereótipos de gênero e suas incidências no modo como o sofrimento psíquico e social comparece na atualidade. A inadequação à norma dominante masculina, heteronormativa e patriarcal foi a chave para o intercâmbio entre os participantes e, como veremos, possibilitou operar uma separação em relação a identificações segregadoras e excludentes, que poderiam conduzir à adesão a discursos totalitários ou de ódio.

Como mostra Soler (2018) é a partir do agenciamento de diferenças, do manejo de dessemelhanças, que um discurso pode se produzir e fazer laço, articulando elementos heterogêneos. O desafio central do dispositivo grupal para homens consiste em oferecer um apoio horizontal, mas sem, no entanto, reforçar as identificações. Trata-se de fazer aparecer algo novo, uma diferença, para cada um. Servindo-nos da posição de alteridade, tratamos de desacomodar instituídos, minimizando a repetição, de modo a permitir que distâncias e diferenças sejam acolhidas pelos participantes. A proposta de elaboração coletiva tem como estratégia o apontamento de regularidades, mas não sem valorizar as peculiaridades e aquilo que cada um carrega de original. Embora muitas vezes a associação de ideias conduza a similitudes, principalmente em relação às dificuldades de performar a masculinidade, diferenças e surpresas também podem aparecer no percurso.

As falas dos participantes trazem pistas que nos permitem verificar a ligação entre sofrimento psíquico e a dificuldade em performar a masculinidade, mas também apontam



para questões mais amplas e que se ligam ao modo como as opressões se entrecruzam em nossa cultura. Seguem-se alguns recortes a respeito de impasses e soluções elaboradas pelos participantes para lidar com o mal-estar e o sentimento de desencaixe. Os nomes escolhidos são fictícios e visam resguardar a identidade dos sujeitos.

Há um modo de exercer a masculinidade prevalente na cultura e que tende a ser imposto como único. Como desenvolvem Connell e Messerschmidt (2013), muitos requisitos são esperados daqueles que se identificam com a masculinidade dentro de uma lógica cis-hetero-normativa: ter um status social privilegiado, sustentar relacionamentos sexuais e afetivos com mulheres, ser desejado por elas, ser considerado viril, ser reconhecido pelos pares e incluído por eles em atividades sociais.

A exigência social de que os homens tenham a iniciativa de se aproximar de outra pessoa com intenções sexo-afetivas é fruto de sofrimento para a maioria dos participantes. Thiago conta que usa aplicativos de relacionamento e que procura sair com pessoas com identidades de gênero variadas, mas isto não impede que se sinta cobrado a performar certo tipo de masculinidade. Como indica Zanello (2022) as performances amorosas, sexuais e profissionais são pontos fortes na hierarquia masculina e constituem-se como atributos chave para seu reconhecimento social.

Antônio fala frequentemente sobre seu sonho de ter uma namorada e viver com ela um grande amor. Em um dos encontros do grupo, faz a seguinte reclamação: “enquanto homem eu deveria chegar nas meninas, ter mais atitude, ficam me dizendo que é para eu ser assim, mas simplesmente não consigo”. Seu embaraço é acolhido pelos outros participantes que questionam esse papel socialmente atribuído aos homens. Zanello e Bukowitz (2012), em pesquisa realizada com homens que fazem tratamento em saúde mental, verificam que o sofrimento psíquico se liga a valores culturais, como, por exemplo, na associação entre virilidade e masculinidade. Interrogar coletivamente a virilidade como estereótipo de gênero é, assim, uma forma de perturbar essa visão, questionando o modelo que alia força física, narcisismo e atitude de sedução em nossa cultura.

Como mostram Lustoza et al. (2014), o movimento dinâmico da cultura ocasiona variações no ideal social de cada época. Na atualidade, embora a cis-heteronormatividade ainda esteja muito arraigada, modos mais plurais de performar a masculinidade e que reivindicam o reconhecimento de formas alternativas de viver a sexualidade e o gênero ganham destaque. Essa perspectiva interessa à psicanálise, pois a relação entre corpo, linguagem e sexualidade não é harmônica e pressupõe sempre um arranjo singular (Lacan, 1975-76/2007), ou seja, a leitura psicanalítica da sexualidade será sempre contrária a qualquer tentativa de normatização ou de submissão a padrões comportamentais. Essa perspectiva vai em direção oposta a uma leitura que reforçaria a segregação de existências que não correspondem ao modelo cis-heteronormativo.

A conversa em torno da masculinidade permitiu a construção de um modo de conexão entre os participantes. A maioria dizia sentir desconforto ao se comparar com outros homens e com suas performances com mulheres. A circulação da palavra produziu

alguns deslocamentos, uma pequena abertura crítica em relação a esse estereótipo, que se iniciou com falas do tipo “eu também não sou assim”, “eu nunca tive habilidade em chegar nas meninas nas festas”. A experiência de não conformidade à norma pôde, então, produzir encontro e solidariedade entre os participantes: Fábio diz que falar no grupo ajuda, sente-se ouvido por seus companheiros e reconfortado ao ver que eles também atravessam situações parecidas. Afirma que isso faz com que se sinta menos sozinho.

A partir do dispositivo, os participantes puderam começar a questionar as normas e produzir uma reflexão acerca do modo como a vida se organiza na atualidade. Existe uma estreita relação entre a solidão contemporânea e o capitalismo, cuja produção discursiva vende certo modo de consumir, homogeneizando os sujeitos e excluindo aqueles que não se encaixam (Recalcati 2002; Alemán, 2016). A fala de um dos participantes que localizou seu desencaixe como estranheza, permitiu a outro entender que as perdas de namoro e emprego pioraram seu sentimento de inferioridade. Mateus, em contrapartida, disse ter emprego, mas viver com medo de perdê-lo, sendo, segundo ele, seu único bem. Como pontua Alemán (2016), o discurso capitalista estabelece, por meio do poder neoliberal, um movimento de dominação do simbólico que visa à produção de uma nova subjetividade, onde o valor aparece diretamente ligado à ideia de produção. Desfazer essa relação entre valor e produção pode contribuir para iluminar um problema que atinge a todos e exige mudanças mais profundas.

A percepção coletiva do sentimento de inadequação permitiu aos participantes acessarem outras camadas do mal-estar, ligadas ao preconceito social relacionado aos problemas de saúde mental. Thiago diz sentir-se um peixe fora d’água e João toma de empréstimo a expressão para pontuar que as pessoas, e não apenas as mulheres, se afastam quando sabem que ele faz tratamento psiquiátrico e toma remédios. Os demais participantes comentam, então, o quanto essa questão de ser paciente psiquiátrico é constantemente mal compreendida, afirmando sentirem-se julgados e estigmatizados como pessoas com problemas. Serpa et al. (2014) mostram que a prática narrativa pode ajudar a reduzir estigmas ligados ao adoecimento mental, relacionados não apenas à ideia de cronificação, possibilitando que pessoas com problemas de saúde mental retomem o senso de esperança, mas também como um chamado à participação e ao reposicionamento na luta coletiva por condições de vida menos desiguais.

A discussão em torno da questão de realizar tratamento psiquiátrico e precisar tomar remédios faz com que João perceba que a sua condição de saúde mental dificultou que ele pudesse engrenar em uma atividade laboral. Diz que se contenta em trabalhar em subempregos desde que isso lhe propicie algum rendimento. Mateus pontua que talvez uma saída melhor seja se inscrever para vagas destinadas a pessoas com deficiência (PCD), e com isso passa a se interrogar sobre sua condição e se ela estaria abarcada nesse tipo de vaga. Surge uma reflexão sobre a condição de saúde mental dos participantes e sobre as dificuldades laborais, desdobrando o debate. É interessante pontuar que a produção de autonomia e de cidadania é uma estratégia psicossocial (Yasui & Costa Rosa, 2008) que exige

dispositivos complexos e intersetoriais que fortaleçam o protagonismo dos usuários, mas também o estímulo a outros modos de empregabilidade e de concepção do trabalho em nossa sociedade.

O tema da amizade entre homens também foi explorado. Muitos participantes dizem que contaram com algum amigo próximo em algum momento da vida. Assinalam, entretanto, que essas amizades não foram duradouras, eles mesmos tendo decidido pelo afastamento por sentirem-se diminuídos pelo fato de não conseguirem obter as mesmas conquistas. Gilson conta que depois que ficou doente perdeu seus amigos e acha que, por ser muito controlado pela família, tem uma capacidade limitada de manter amizades e de constituir uma rede afetiva. Fábio se afastou de um amigo que era “bem-sucedido”, pois sentia vergonha ao se comparar com ele, já que este último tinha trabalho e família. Acrescenta que se considera uma pessoa difícil e que sua família tem dificuldade em compreendê-lo. Essa fala reverbera em outros participantes que passam a se perceberem como pessoas com pouca tolerância em relação a opiniões divergentes e com dificuldades de balancear a vontade de brigar com a de manter a calma, assim como em lidar com o jogo de mostrar – o que se gosta – e esconder – o que não se gosta.

Como mostram Alemán e Gomes (2022) repensar a amizade é fundamental na atualidade e vai em direção de um resgate daquilo que escapa ao mercado e à lógica do consumo. Nesse sentido, é importante retomar o valor político da amizade. Como mostra Ortega (2004), nem sempre a ideia de amizade esteve ligada ao espaço privado, doméstico, mas à vida comum, pública e de convívio entre os homens. A despolitização da amizade fez com que ela ficasse cada vez mais associada à ideia de segurança e estabilidade. Como o autor indica, a amizade enquanto forma de resistência política inclui o espaço público, a formação de rede e a possibilidade de criação de formas de subjetivação que ampliem a interlocução e o compartilhamento de diferenças.

Nesse sentido, intercambiar narrativas pode ser uma forma de abrir espaço para a surpresa e suscitar uma abertura para outras perspectivas. Um dos participantes aponta que se sente muito julgado pelo seu corpo, mas recorre a uma tirada espirituosa para criticar pessoas que “gostam muito de *bostejar* sobre a vida dos outros”. Esse dizer reconforta Antônio, que diz admirar a sinceridade desse participante e o modo como consegue impor limites aos outros. Ao dar lugar a descrições e usos inusuais da linguagem, o grupo efetua a função de um Outro que acolhe e corrobora as invenções e seu colorido espirituoso, possibilitando um alargamento do campo semântico. Sabemos, desde Freud (1905/1996), que o chiste só alcança a sua função a partir da presença de um terceiro que atesta o seu recebimento. Lacan (1957-58/1999) desdobra essa perspectiva ao mostrar a importância social do chiste, instaurando um modo de laço que impede a cristalização da língua, dando lugar ao novo.

Recalcati (2002) entende a neosegregação como a criação de um grupo de excluídos, de uma inclusão com fins de exclusão. Como evitar esse efeito no grupo? A diferença é sempre colocada pelos participantes como estranheza, como sentimento de não

pertencimento, atualizando os afetos que circundam a exclusão. A saída encontrada por eles para o enfrentamento do sentimento de solidão tem sido a solidariedade e a parceria.

Nesse sentido, gostaríamos de destacar a importância de ações coletivas empreendidas pelo grupo e que proporcionaram efeitos de inclusão. Em uma visita coletiva a um museu, Fábio, que tendia a se apresentar de modo triste, cabisbaixo, assumiu o protagonismo e transmitiu com entusiasmo seus conhecimentos artísticos aos outros membros do grupo. Seus colegas mostraram-se interessados em suas explicações e elogiaram sua dedicação, o que parece ter contribuído para que, em encontros subsequentes, Fábio tenha podido expressar o desejo de retomar suas atividades laborais. João, apesar de não se interessar muito pela exposição, diz que gostou muito de estar ali com os colegas, já que quase não sai de casa ou dos arredores de onde mora. Thiago conta estar angustiado por uma situação anterior à sua chegada. Os presentes se mobilizam para escutá-lo, demonstrando apoio ao colega.

Essa passagem pode parecer singela, mas ganha interesse quando pensamos na dificuldade que a maioria dos homens encontra para falar de si e de suas vulnerabilidades. Como mostram Silva e Mello (2021), o machismo arraigado nos homens faz com que tenham muitas vezes dificuldades em reconhecer o sofrimento e pode dificultar a procura por ajuda em saúde mental. A circulação da palavra e a convivência entre os membros do dispositivo grupal têm possibilitado deslocamentos subjetivos e elaborações simbólicas, mas também efeitos de socialização e aposta no coletivo.

De um modo geral, o apoio mútuo é um recurso privilegiado pelo grupo, os participantes costumam dizer coisas como “que bom que você pôde contar isso aqui”, “eu também me sinto assim, às vezes”. Em momentos mais pesados, Thiago, que parece sempre encontrar no humor uma saída para suas dificuldades, principalmente em relação àquilo que ele nomeia como sendo a sua estranheza, faz seus companheiros rirem. Isso parece relativizar a dificuldade de inserção, tema sempre central nos encontros.

O manejo do grupo envolve acolher a forma singular de cada um de funcionar no mundo, mas não sem deixar de tematizar o modo como a sociedade está estruturada e o quanto pessoas que não se encaixam em padrões tendem a ser descartadas. Em uma passagem significativa, um dos participantes defende veementemente o retorno da monarquia como sistema de governo. Outro participante, um homem negro, expressa seu desacordo, e relembra a escravização sofrida por seus antepassados, possibilitando assim um debate sobre como gênero, raça e classe influenciam o modo como vemos o mundo. Outros participantes negros se juntam trazendo experiências que denunciam os efeitos danosos do racismo e são apoiados pelo grupo, que segue uma discussão problematizando modelos políticos segregadores e excludentes. Como mostram Colin e Bilge (2020), a lente interseccional permite complexificar a análise ao trazer facetas não antes consideradas pelos participantes, incluindo categorias como gênero, raça, classe, sofrimento mental como elementos que só passam a fazer conjunto quando conectados à ideia de justiça social.

A manobra consiste, portanto, em fazer com que cada participante fale sobre a forma como a segregação o afeta, mas sem deixar de problematizar o modelo de organização da sociedade. Como assinala Butler (2018), a potencialidade dos espaços coletivos repousa na elucidação de como a precariedade atinge alguns grupos em detrimento de outros. Essa percepção ajuda a entender que a saída deve ser coletiva, rompendo com a ideia de responsabilização individual tão presente na moralidade neoliberal. Lidar com a tendência a monopolizar a fala, garantir a circulação da palavra, são condições para que o diálogo ocorra. Cabe também pensar em como incluir aqueles que tendem a ficar mais à margem. O espaço de troca no grupo aposta na possibilidade de pluralização da masculinidade, ainda que isso apareça repetidamente como sensação de inadaptação e estranheza em relação aos demais.

André, muito tímido e retraído, faz comentários inusitados que costumam provocar boas risadas em seus colegas, sem que com isso se sinta zombado por eles. Ao tomar o seu modo de expressão como algo divertido, o grupo possibilita suporte para que ele esteja com outras pessoas, já que quase não sai de casa. Evandro também participa de uma forma própria, singular. Em suas palavras, está ali “mais para aprender” com os colegas do que para falar.

Por último, gostaríamos de abordar como, a partir de uma desavença que provocou uma situação de manejo delicado, produziu-se uma retificação subjetiva. Um participante aborda uma situação na qual gritou com uma mulher, e justifica seu ato dizendo que havia se sentido injustiçado por ela. Thiago fica visivelmente tomado ao escutá-lo. Uma tensão crescente toma o dispositivo, fazendo-nos sugerir ao grupo a possibilidade de uma interrupção temporária para tomar água e acalmar os ânimos. Thiago recupera o fôlego e fala de sua afetação, dizendo de sua indignação “com certas falas machistas” e que sua vontade era sair “quebrando tudo e socar algumas pessoas”. Mesmo sem citar nomes, fica claro que fazia referência ao primeiro colega. Foi preciso, então, convocar coletivamente o grupo para pensar em formas não violentas de lidar com o mal-estar. Como aponta Butler (2018), a não violência deve ser entendida como um fazer permanente e não como ponto de partida. Trata-se de uma luta política e social constante que envolve a confrontação da violência enquanto forma de constrangimento e que visa não reproduzir seus termos. Nesse sentido, a conversa em torno do machismo e de suas manifestações, ajudou a desfazer no coletivo a ideia de que um homem só pode resolver seus desafetos e discordâncias utilizando-se de força física ou verbal. Mais calmo, Thiago pôde falar de seu incômodo com esses referenciais de masculinidade. Essa situação possibilita então marcar uma separação em relação àquilo que antes era apenas impotência e estranheza para ele. A não conformidade ao padrão, antes tomada com valor negativo ganha, em um segundo tempo, valor positivo ao ser tomada como decisão ativa de não querer ser esse tipo de homem.

O tema do desencaixe e do sentimento de estar à margem estiveram associados, ao longo dos encontros, à perspectiva de gênero. Os participantes não apenas se sentem estranhos, mas homens estranhos, em déficit. Fazer frente a essa estranheza envolve rever a

visão hegemônica da masculinidade e tratar a diferença como aquilo que aponta para a pluralidade de formas de funcionar no mundo e de exercer a masculinidade, abrindo espaço à diversidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica à masculinidade hegemônica é cada vez mais presente na cultura. O fato de haver na atualidade maior fluidez nos laços e na maneira de vivenciar a sexualidade possibilita questionar estereótipos que sustentam um determinado modo de exercer a masculinidade, abrindo, com isso, a possibilidade de redescrção e ampliação de suas coordenadas. As transformações da cultura produzem uma reorientação naquilo que se constitui como ideal, abrindo espaço para que convivam, não sem tensão, modos mais plurais de performar o masculino, rompendo com a pretensa universalização que parecia garantir o conjunto dos ditos homens.

Nossa proposta de intervenção se baseou no dispositivo grupal como estratégia de inclusão de sujeitos marcados pela desinserção, auxiliando essas pessoas a construir possibilidades de reconexão. Essa perspectiva difere da manobra empreendida pelo discurso da psiquiatria, que reforça a leitura deficitária. Como indicamos, a desinserção atesta uma dificuldade de inclusão discursiva que convida a repensar o modo como o simbólico se estabelece. A constituição de uma narração é convite para o novo, a produção de outros enquadramentos como uma aposta clínico política no laço e na vida em comunidade.

Laurent (2018) dá pistas sobre a necessidade de pensar modos de posicionamento diante de novas formas de segregação. Indica que, ao não contar com a transferência enquanto suposição de saber, ou seja, ao não partir de um Outro estável e organizado, o analista precisa seguir as indicações do sujeito no que ele tem a dizer. Essa seria a condição para a introdução de um modo de fazer com um saber que está do lado do sujeito e que se coloca como absolutamente singular. Há uma mutação no estatuto do saber que faz com que seja preciso ir além da ideia de uma atribuição subjetiva, constituindo um fazer capaz de temperar o sofrimento psíquico e reacomodar a relação com a linguagem. Em contraposição ao discurso do mestre, a operação analítica subverte as normas estabelecidas, acentuando as soluções singulares diante daquilo que escapa à simbolização.

Em nossa prática extensionista, procuramos estabelecer uma forma de aplicação da psicanálise a um dispositivo grupal. Visamos, assim, oferecer um espaço onde o sofrimento que deriva da não conformidade aos estereótipos de gênero pudesse ser compartilhado e tratado, levando a encontrar modos de respostas que incluam a posição subjetiva de cada um. O convite à fala e à conversa entre os participantes partiu de uma posição de “saber não saber” (Baio, 1999, p.56) para acolher aquilo que se apresenta como fora da norma cis-heteropatriarcal. Dar lugar ao disfuncional foi a estratégia para a ampliação da margem e da inclusão da diferença como afirmação de um lugar de invenção, e não como fraqueza ou

algo a ser modificado. Acreditamos que a sustentação desse convite aberto pôde nortear os encontros, permitindo abordar a experiência com gênero e os desacertos com relação a uma posição masculina ainda muito cristalizada na cultura. Incluir esses impasses foi fundamental para instituir um lugar capaz de promover uma reinvenção do laço e fazer frente à desinserção.

Pensar a questão da masculinidade para além de uma leitura cis- heteronormativa foi nossa via de luta contra a perpetuação de práticas excludentes. Utilizando-nos da variedade de semblantes atualmente presentes na cultura, auxiliamos os participantes a encontrar saídas que incluíssem aqueles que se encontram desinseridos social e subjetivamente, fazendo frente à intolerância e à segregação. O modelo masculino hegemônico é problemático para muitos sujeitos e, diante dessa questão coletiva que tem efeitos no singular de cada sujeito, os dispositivos grupais são uma ferramenta interessante no sentido de acolher e de coletivizar outras visões, fazendo frente a novas e antigas formas de exclusão.

## REFERÊNCIAS

Alemán, J. (2016). Diferencia entre sujeto y subjetividad. *Virtualia*. Revista Digital de la EOL (32), 66–69. <https://revistavirtualia.com/storage/articulos/pdf/dnnc586noArNBR76HHp4r1w6vC8dDjea8AHm4nFl.pdf>

Alemán, J., & Gomes, M. C. (2022). Horizontes neoliberais na subjetividade. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 11(21), 1-24. <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/4803>

Ambra, P. E. S. (2015). *O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente*. Annablume.

Baio, V. (1999). O ato a partir de muitos. *Curinga* (13), 55-62.

Barros, R. do R. (2009). Sobre grupos. Anais do 4º Encontro Americano – XVI Encontro Internacional do Campo Freudiano, Belo Horizonte. [http://ea.eol.org.ar/04/pt/template.asp?lecturas\\_online/textos/rego\\_barros\\_sobre.html](http://ea.eol.org.ar/04/pt/template.asp?lecturas_online/textos/rego_barros_sobre.html)

Broide, E. E. & Broide, J. (2019). A pesquisa psicanalítica e a criação de dispositivos clínicos para a construção de políticas públicas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 53(3), 201-215.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2019000300013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000300013&lng=pt&nrm=iso)

Brousse (2003). *O inconsciente é a política*. Escola Brasileira de Psicanálise.

Buechler, F. T., Perrone, C. M., Silva, G. G. da, & Rancich, J. M. C. (2023). O Real da Violência: Relato de Experiência com um Coletivo de Mulheres. In. Dossiê Psicanálise e política: a insistência do Real. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 23, 1333-1348. doi:10.12957/epp.2023.80170

Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. José Olympio.

Collins, P. H., & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. Boitempo.

Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas* 21(01), 241-282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>

Costa-Rosa, A., & Pastori, F. (2011). O grupo psicoterapêutico além do Imaginário: a psicanálise de Lacan, laços sociais e revoluções de discurso. *Revista de Psicologia da UNESP*, 10(1), 01 - 23. <https://mail.revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/147>

16

Cottet, S. (2009). Désinsertion: le sans nom. *Lettre mensuelle* (274), pp. 6-9.

de Gaulejac V., & Leonetti, I. T. (1994). La désinsertion sociale: Déchéance sociale et processus d'insertion. *Recherches et Prévisions* (38), 77-83. <https://doi.org/10.3406/caf.1994.1665>

De Luccia, D., & Prizskulnik, L. (2022). O que faz do grupo um dispositivo analítico? Considerações de Freud e Lacan. *Psicologia USP*, 33, e180040. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e180040>

Fajnwaks, F. (2020). Jacques Lacan, precursor das teorias queer. In C. A. Capanema, F. Durães, H. C. Miranda Jr., J. M. Motta & M. M. da C. Guedes (Orgs.), *Psicanálise e psicopatologia lacanianas: impasses e soluções*, (pp. 17-34). CRV.

Freire (1987). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.

Freud, S. (1996). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, (Vol. 8, pp. 11-244). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

Muñoz. N. M., & Barbosa, L. C. M. (2024). Desinserção e masculinidade: a prática psicanalítica de orientação lacanianiana em um dispositivo grupal. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p21.



Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, (Vol. 18, pp. p. 17-72). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 75-146). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

Lacan, J. (2003). A psiquiatria inglesa e a guerra. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp.106-126). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1947)

Lacan (1988). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)

Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)

Lacan, J. (2011). Estou falando com as paredes. In J. Lacan, *Estou falando com as paredes* (pp. 73-99). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)

Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)

Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)

Laurent, E. (2018). A disrupção do gozo nas loucuras sob transferência. *Opção Lacaniana* (79), 52-63.

Lustoza, R. Z., Cardoso, M. J. d'E., & Calazans, R. (2014). "Novos Sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora*, 17(2), 201–213. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200003>

Miller, J-A. (2011). A salvação pelos dejetos. In *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan* (pp. 227-233). Zahar.

Miller, J-A. (2010). Efeito de retorno à psicose ordinária. *Opção Lacaniana online nova série*  
Ano 1(3), 01–30.  
[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_3/Efeito\\_do\\_retorno\\_psicose\\_ordinaria.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_3/Efeito_do_retorno_psicose_ordinaria.pdf)

Muñoz. N. M., & Barbosa, L. C. M. (2024). Desinserção e masculinidade: a prática psicanalítica de orientação lacaniana em um dispositivo grupal. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p21.

Muñoz, N. M., & Vilanova, A. (2021). A prática da conversação na universidade uma estratégia para o enfrentamento do mal-estar na vida discente. In I. F. Ferrari & A. A. Mendes (Orgs.), *O sofrimento psíquico de jovens no espaço universitário*, (pp. 101 – 113). Escuta.

Ortega, F. (2004). Por uma ética e uma política da amizade. *Caderno de Leituras* (109). [https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2020/07/cad109-por\\_uma\\_etica\\_e\\_uma\\_politica\\_da\\_amizade-francisco\\_ortega.pdf](https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2020/07/cad109-por_uma_etica_e_uma_politica_da_amizade-francisco_ortega.pdf)

Recalcati, M. (2002). Uma aplicação da psicanálise à clínica do grupo: o homogêneo e o aleatório. *Revista Internacional de Saúde Mental e Psicanálise Aplicada da Escola Europeia de Psicanálise*, (10), 99-110.

Rosa, M. D. (2012). Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clinicopolíticas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. <https://psicanalispolitica.files.wordpress.com/2014/06/4-rosa-m-d-psicanc3a1lise-implicada-vicissitudes-das-prc3a1ticas-clinicopolc3adticas-revista-da-associac3a7c3a3o-psicanalc3adtica-de-porto-alegre-v-41-p-29-40-20131.pdf>

Sato, F. G., Martins, R. C. R., Guedes, C. F., & Rosa, M. D. (2017). O dispositivo grupal em psicanálise: questões para uma clínica política do nosso tempo. *Psicologia Política*, 17(40), 484-499. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2017000300006&lng=en&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000300006&lng=en&nrm=iso)

Serpa Junior, O., Campos, R. O., Malajovich, N., Pitta, A. M., Diaz, A. G., Dahl, C., & Leal, E. (2014). Experiência, narrativa e conhecimento: a perspectiva do psiquiatra e a do usuário. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 24, 1053-1077. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000400005>

Silva, R. P., & Melo, E. A. (2021). Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo? *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 4613-4622. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10612021>

Soler, C. (2018). *Rumo à identidade*. Aller.

Suarez, E. S. (2006). Algumas notas sobre a sexualização. *aSEPHallus*, 1-9. [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_02/artigo\\_01port\\_edicao02.htm](http://www.isepol.com/asephallus/numero_02/artigo_01port_edicao02.htm)

Yasui, S. & Costa-Rosa, A. (2008). A Estratégia Atenção Psicossocial: desafio na prática dos novos dispositivos de Saúde Mental. *Saúde em Debate*, 32 (78-79-80), 27-37. <https://www.redalyc.org/pdf/4063/406341773003.pdf>

Zanello, V. & Bukowitz, B. (2011). Loucura e cultura: uma escuta das relações de gênero nas falas de pacientes psiquiatrizados. *Labrys, Études Féministes* (20/21). <https://www.labrys.net.br/labrys20/brasil/valeska.htm>

Zanello, V. (2022). *Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. Appris.

Recebido em: 28/03/2024

Reapresentado em: 12/06/2024

Aprovado em: 29/07/2024

## **SOBRE OS AUTORES**

**Nuria Malajovich Muñoz** é Professora Associada do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB-UFRJ). Coordenadora do Mestrado Profissional em Atenção Psicossocial, professora da Especialização em Clínica Psicanalítica e coordenadora do Projeto de Extensão Diversas: narrativas e produção de cuidado em saúde mental – IPUB-UFRJ.

**Lucas Costa Marins Barbosa** é psicólogo, especialista em Clínica Psicanalítica pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB-UFRJ) e membro da equipe do Projeto de Extensão Diversas: narrativas e produção de cuidado em saúde mental IPUB-UFRJ.